

## Entrevista a Alfredo Bruto da Costa

*No combate à pobreza, o mal está naquilo que fica por fazer. Ter trabalho não é garantia de não viver na pobreza.*

Coordenador de um estudo nacional sobre a pobreza, Bruto da Costa diz que a pobreza é “um problema político”, cuja responsabilidade é tanto do poder económico e da opinião pública como do governo.

Há uma grande confusão entre pobreza, privação e exclusão social. Metemos tudo no mesmo saco, nomeadamente nos planos nacionais de acção para a inclusão. É urgente clarificar estes três conceitos.

Chamo pobreza a uma situação de privação por falta de recursos. Privação é alguém não ter as suas necessidades básicas satisfeitas, por não ter recursos ou por outras razões, por ser toxicómano, por exemplo, ou por não saber gerir os seus bens. Ora, as soluções para estes dois casos são completamente diferentes. Num, é preciso ajudar a pessoa a ter recursos, no outro, é preciso ajudar a gerir os recursos que tem. A privação precisa de uma resposta imediata. Não se pode dizer a uma pessoa que tem fome: “tire um curso de formação profissional, arranje um emprego e depois coma (...)”

A pobreza só se resolve quando o pobre ganha autonomia. A pobreza é uma das formas de exclusão social, mas há outras: o isolamento pode afectar idosos ricos, excluídos da sociedade, não por falta de recursos.

Não se encontram novas formas de pobreza, há novas formas de exclusão social: dos idosos, dos imigrantes, dos portadores de doenças psiquiátricas, onde se incluem os toxicodependentes, alcoólicos, doentes mentais e outros comportamentos destrutivos como a prostituição.

No estudo referido, verifica-se que a grande maioria das famílias mais pobres são famílias tradicionais, de casados, de viúvos e de solteiros. Pessoas em coabitação e famílias monoparentais podem ser muito vulneráveis à pobreza, mas, entre os pobres, representam percentagens muito pequenas.

A partir do estudo, verifica-se que a percentagem de desempregados no total de pobres é cerca de 3%. Portanto, fazer um problema magno do desemprego enquanto problema da pobreza é cientificamente errado. Não se subestima a gravidade da situação do desempregado, porque este não é só alguém que ficou sem os seus rendimentos habituais, é também um socialmente excluído.

O estudo conclui que cerca de 40% dos membros das famílias pobres têm emprego e os outros 30% recebem pensões de reforma. É um grupo que não deveria, em princípio, ser pobre, como aliás o grupo dos pensionistas. Há uma ilação que se pode tirar já. Quando temos 40% de pobres activos, torna-se claro que não é só um problema de distribuição, mas também de repartição primária dos rendimentos, aquela que resulta da actividade económica. *A pobreza é. Antes de mais, um problema de políticas económicas.*

Há hoje um estigma maior face aos pobres que leva a opinião pública a valorizar o pobre por ser pobre. O pobre aparece como uma pessoa intrinsecamente fraudulenta. Desconfia-se da autenticidade da pobreza. Isto levou algumas pessoas a preocuparem-se mais em combater a fraude do pobre do que em combater a pobreza.

Que caminho tem seguido a política económica que leva a que existam 40% de pobres que têm trabalho? Ou decidimos que vamos crescer primeiro para distribuir depois, ou das várias maneiras de crescer escolhemos a que assegura o crescimento com uma melhor distribuição. Tem-se provado que a primeira não acontece. Há décadas que se espera o dia em que já crescemos o suficiente para distribuir. Há alternativas, mas elas não dependem só dos

governos, mas dos empresários, dos trabalhadores, da sociedade em geral, do próprio sistema económico.

A pobreza é um problema político e de jogo de interesses. Não nos podemos limitar a dizer que é um problema que o Governo tem de resolver. O Governo tem responsabilidades especiais, mas há medidas que pode querer tomar e não poder, porque o poder económico não deixa.

A estratégia do Estado, da Igreja, das IPSS tem sido mais assistencialista do que virada para as verdadeiras causas? A grande maioria das medidas tomadas por essas instituições visa atacar a privação, o que é muito bom, porque é um problema urgente. *O mal não está naquilo que se faz, mas naquilo que fica por fazer. Tudo quanto se faz é indispensável, porventura poderá ser feito melhor.*

Da entrevista de A. Bruto da Costa ao PÚBLICO; RR e RTP2, Jornal Público de 4 de Junho. 2007